Leonardo Mota Fidelidade ao Sertão

Eduardo Campos

Estava latente em Leonardo Mota, desde os seus verdes anos, o pendor pela oratória, ou seja, pela comunicação, assim como pela convivência sertaneja, interiorana, fundamental para a obra que erigiu ao longo de sua existência, e que está, por esses dias, a merecer exame crítico mais abrangente e profundo.

Em Guaramiranga — onde estudou inicialmente — e em Ipu, onde estaria em 1916 residindo e se exercitando em advocacia provisionada, pode-se dizer haver Leonardo Mota descoberto que o sertão e o seu povo formavam um mundo de manifestações inesperadas e inteligentes, a reclamar alguém, como ele, para anotar e revelar-lhe os segredos.

Coincidentemente é desse ano a conferência que, na quadra natalina, no Clube dos Diários, pronunciaria sobre o tema "Musa Matuta". Na cronologia de sua vida de estudioso do nosso folclore, inserta no *Adagiário Brasileiro* (obra póstuma, de onde tomamos o principal desses apontamentos) está mencionado ainda que o comunicativo folclorista cearense referia-se em sua conferência "tanto aos poetas letrados, quanto, principalmente, aos troveiros do sertão, pelos quais já manifesta invulgar interesse, e cujos cantares lamenta nunca terem sido coligidos em livro".

Sem perceber, Leonardo Mota colhe aos seus pressurosos audientes a resposta positiva, traduzida em aplausos que nunca lhe faltariam daí por diante à sua proposta de trabalho literário e científico, a que se exercita de modo tímido, inicialmente, para já em 1920 amadurecer com todo o seu talento na palestra que denominou "Cantadores", embrião — imaginamos

nós — do expressivo livro com o qual se inaugurava em sua jornada de pesquisador dos nossos feitos populares.

Antônio Sales, bastante parcimonioso em seus elogios, escrevia a respeito dos atributos intelectuais de Leonardo Mota, a quem atribuiu de pronto o "dom da observação e o amor do povo". Na oportunidade, disse mais: "O que é preciso é que Leonardo Mota renuncie de uma vez ao diletantismo a que se tem confinado, por modéstia ou por preguiça, e se afirme como escritor, dando emprego condigno aos seus dotes, já tão auspiciosamente revelados."

O autor de *Aves de Arribação* nesse mesmo artigo — que nos parece decisivo para o desabrochar da criatividade do grande folclorista — aludiu à importância do meio rural, "um tesouro quase intacto à espera de pessoa possuidora de aptidões para senti-lo e exprimi-lo", afirmando peremptório: "Um espírito como o de Leonardo Mota negará nossas letras e a si mesmo se não o empregar resolutamente no estudo dessa vida que ele tão bem compreende e interpreta."

A sociedade, sem rádio nem televisão desses anos, tem tempo de acudir a clubes e teatros, pagando ingressos caro (até de 30$000!) para ouvir o sertão falar nas narrações descontraídas do autor de *Cantadores,* "doublé" de repórter e folclorista, e também excelente comunicador, com o segredo de a cada exposição fazer o público desatar-se em gargalhadas.

A marca do sertão seria o seu ferro, identificando o escritor, para sempre, na memória dos cearenses que amam a sua terra, gente sem dúvida alguma toda — ou quase toda — feita de sertão.

A condição de grande cantor, grande menestrel do que nos pertence, viu-a antes de nós, com absoluta precisão e justiça, outro mestre da literatura cearense, Dolor Barreira. Ao dar as boas-vindas a Leonardo Mota, que ingressava na Academia Cearense de Letras, em 1937, afirmou: "... não vos limitastes, Leonardo Mota, a escrever com espírito; escrevestes com toda a seiva vital, escrevestes com os músculos e com os nervos, como diria Sainte-Beuve, ao que Prado Coelho atesta." Adiante, nessa mesma peça oratória: "Porque, de fato, fazendo a revelação dos sertões, da alma e dos costumes sertanejos, através da sua poesia, das suas cantigas, da sua linguagem, dos seus ditados, dos seus modismos, dos seus adágios, das suas superstições, das suas lendas, Leonardo Mota, na apreciação de Aníbal Fernandes, "não é sertanista *boulevardier*", "nem fala de oitiva" sobre os assuntos de que trata. Ao contrário, tudo o que ele nos transmite "é porque viu e porque

viveu", "porque esteve ao lado do nosso homem rústico, intimamente, não como viajante apressado, mas como amigo, um camarada, um irmão, misturado com ele, integralizado no seu pensamento e nos seus sentimentos mais íntimos".

E nisso estavam certos os seus julgadores, porque ele próprio — é pensamento ainda de Dolor Barreira — quem proclama: "Dou destarte, aos meus contemporâneos, a certeza de que não recorro a cartas nem me louvo no informe de terceiros, para dizer de gentes e coisas do sertão".

Leonardo Mota trouxe o sertão para a intimidade da cidade, principalmente dos seus salões sociais, como se aos freqüentadores engravatados e solenes, desses ambientes, desejasse fazer ver que o verdadeiro indumento destes era a roupa de couro, o chapéu típico de vaqueiro indômito. Pode-se afirmar que reeducou o citadino a perceber, e, mais do que isso, a querer também mais próximo, de suas emoções o sertão aparentemente distante, mas do qual, de uma forma ou de outra, decorremos todos que nos situamos na "pancada do mar" da Capital.

Pela sua mão de escritor aprendemos novamente a conviver com os cantadores e os violeiros, a usufruir de seus repentes, de sua cintilante inteligência curtida ao sol de intérminos verões. Pela sua arte simples mas objetiva descobrimos que o matuto não é nenhum tolo, criatura bisonha no dizer de alguns desavisados, mas ser bem dotado e bem forrado de conhecimentos, médico e astrônomo — ainda que a seu jeito —, ágil no raciocínio e claro, límpido nas idéias e julgamentos paremiológicos.

Em *Cantadores* e *Violeiros,* e em tudo o mais que resultou de sua inteligência aclarada à terra e gentes dos sertões, e de modo especial em seu *Adagiário Brasileiro,* o que chama a atenção é o sentido de investigação de Leonardo Mota, indo a todos os desvãos de nossos sentimentos populares, interioranos, para repassar a nossa integridade matuta livre das influências do processo civilizatório que a cidade grande e sua sociedade tentaram urdir em seu derredor.

Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, ao organizarem *O Ceará,* publicação que honra a inteligência de ambos, não dispensaram antológica colaboração de Leonardo Mota. Não são mais do que dez páginas, valendo por muitas, exprimindo o "cosmo-país" sertanejo com seus ditos alegres, seus repentes, sua maneira de cantar e contar a vida, subordinadas ao título: "Os Quixotes da Viola e do Ganzá". Nesse artigo o autor de *Cantadores* praticamente resume o que há de mais des-

contraído e vivo no espírito do sertanejo, a relembrar para o leitor o violeiro Anselmo Vieira de Sousa e Bentivi; os repentes de Pedro Ventania, José Batista, Xano — este um cantador praiano da pancada do mar, como o foi também, com seus inúmeros méritos, o Zé Melancia, de Canoa Quebrada. E mais primorosas sextilhas, cheias de espírito e malícia, faturadas ao correr do entusiasmo de desafios famosos, não faltando as que, com certo exagero, registram o "dissídio entre brancos, mestiços e negros". Não falta a essa amostragem de talento matuto o que Leota traduziu por "malabarismo verbal", em réplicas e tréplicas das disputas de "jogo floral" — em seu adequado conceito —, nas estrofes alongadas, que sugerem a impressão de que vai extinguir-se o fôlego do cantador; e em meio a tudo as impressões do quotidiano, da vida, em versos e quadrilhas que ainda hoje ressoam, dengosas, pelos sertões.

Em todo o exercício literário de Leonardo Mota está, sem dúvida alguma, o povo em primeiro lugar. E revelado em todos os seus momentos mais significativos, nas alegrias e em suas horas mais cruéis; e no anedotário.

Sobre essa preocupação de Leota, escreveria o mestre Luís da Câmara Cascudo, em 1960, prefaciando mais uma edição de *Cantadores*: "Leonardo Mota nas suas anedotas, desejava levar o mundo sertanejo para a compreensão citadina nos ângulos mais variados do entendimento. As figuras não 'representavam' atos mas viviam um dia de sua existência, tal qual este poderia ter ocorrido. A lei da possibilidade é condição básica na assimilação da anedota social. O elenco, desmarcado e vivente, correspondia milagrosamente às exigências da credulidade ouvinte."

Em virtude de ter tido desempenho exemplar, como escritor e sobretudo como pesquisador, é que Leonardo Mota ficou como legítimo anotador da expressão (em todos os níveis) da identidade do nosso povo.

Um segundo Gustavo Barroso na arte de dizer o que somos, o que pensamos, e como reagimos diante dos confrontos com o mundo que Deus nos concedeu para viver.

D.O. — Letras — Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Ceará.